

DICIONÁRIO DE FERNANDO PESSOA E DO MODERNISMO PORTUGUÊS

coordenação
FERNANDO CABRAL MARTINS



CAMINHO

Shi

DICIONÁRIO DE FERNANDO PESSOA E DO MODERNISMO PORTUGUÊS

coordenação

FERNANDO CABRAL MARTINS

CAMINHO

Shi

DICIONÁRIO
DE

FERNANDO PESSOA
E DO MODERNISMO PORTUGUÊS

COORDENAÇÃO

FERNANDO CABRAL MARTINS

DICIONÁRIO DE FERNANDO PESSOA
E DO MODERNISMO PORTUGUÊS
COORDENAÇÃO DE FERNANDO CABRAL MARTINS

Ilustração da sobrecapa: João Botelho
Paginação: Júlio Matias

Revisão: Fernanda Fonseca e Luis Manuel Gaspar
Seleção iconográfica: Luis Manuel Gaspar e Rui Mário Gonçalves

© Editorial Caminho — 2008

Tiragem: 4000 exemplares

Impressão e acabamento: NORPRINT, ARTES GRÁFICAS

Data de impressão: Outubro de 2008

Depósito legal n.º 282 634/08

ISBN 978-972-21-1985-6

www.editorial-caminho.pt

ainda, enquadradas num artigo assinado Bettencourt-Rebello, transcrições parciais dos textos *Manifeste Technique de la Littérature Futuriste* (1912), *Imagination sans Fils — Mots en Liberté* (1913), e *La Splendeur Géométrique et Mécanique et la Sensibilité Numérique* (1914), de Marinetti, e dos manifestos *La Peinture des Sons, Bruits et Odeurs* (Carrà, 1913), e *Manifeste Technique de la Sculpture Futuriste* (Boccioni, 1912) — além dos dois *Ultimatums*, o de Almada e o de Campos.

Fernando Cabral Martins

CONGO, Luís António. O nome surge no cabeçalho do jornal escrito à mão por Pessoa, *O Palrador*, nos números realizados em 1902-1903, desaparecendo no único exemplar conhecido de 1905. É aí designado como Secretário da Redacção. Com este nome, assina Pessoa dois textos: um em que estabelece a biografia do luso-brasileiro, Eduardo Lança, colaborador do mesmo jornal (n.º 6, de 24-5-1902); outro intitulado «Quebranto» (n.º 7, de 5-7-1902), em que descreve, com muita graça, essa «doença imaginária do vulgo, a que chamam também mal d'olhado» e que, curiosamente, só ataca «crianças nutridas e bonitas», devido ao facto, segundo opinião médica, diz Luís António Congo, de «darem às crianças de 6 meses queijo e um copázio de vinho» (PPC 140).

Manuela Parreira da Silva

CONSCIÊNCIA DA CONSCIÊNCIA. O tema da consciência e dos seus abismos é central em *Fausto*: «A Consciência de existir me esmaga / Com todo o seu mistério e a sua força / De compreendida incompreensão profunda, / Irreparavelmente circunscrita» (FTS 53). E no *Livro do Desassossego* vão encontrar-se múltiplas exemplificações do tema da consciência como mal. Por exemplo: «Em mim foi sempre menor a intensidade das sensações que a intensidade da consciência delas. Sofri sempre mais com a consciência de estar sofrendo que com o sofrimento de que tinha consciência» (LD 123).

Mas o problema da consciência, em Pessoa ortónimo, torna-se antes o da consciência da consciência — de que o poema «Ela canta, pobre

ceifeira» é o epitome. Assim, torna-se próximo do tema do desdobramento psíquico, que é importante quer para a teoria do Sensacionismo quer para a teoria da heteronímia. Partindo da questão específica e central da sensação, há um texto central, do tempo de *Orpheu*, em que se faz uma análise do próprio fundamento da arte segundo Pessoa: «A base de toda a arte é a sensação [...]. (1) A sensação, puramente tal. / (2) A consciência da sensação, que dá a essa sensação um valor, e, portanto, um cunho estético. / (3) A consciência dessa consciência da sensação, de onde resulta uma intelectualização de uma intelectualização, isto é, o poder de expressão» (PIAI 192). Daqui poder concluir-se que é uma análise do processo de criação que revela toda a importância teórica do tema da consciência da consciência — que, por sua vez, do ponto de vista temático, atinge a vertigem de que *Fausto* dá a medida: «monstruosamente / Consciente de tudo e da consciência / Que de tudo horrivelmente tenho» (FTS 121). Uma passagem do poema *A Múmia*, publicado no *Portugal Futurista* em 1917, articula de modo especialmente impressionante este desdobramento psíquico: «Quando penso que vejo, / Quem continua vendo / Enquanto estou pensando?».

De referir que o tema da criança, que é geral a todo o Pessoa, cria uma relação de homologia simbólica com a natureza (como a «criança eterna» de Cacirol, em *O Guardador de Rebanhos VIII*) e torna-se no símbolo, sobretudo, da unidade anterior à divisão da consciência, podendo dizer-se que constitui, ou sinaliza, um campo temático oposto ao da consciência da consciência.

Fernando Cabral Martins

CONTEMPORÂNEA. Publica-se pela primeira vez, com um número espécimen, em Maio de 1915, em Lisboa, sob a direcção literária de João Correia de Oliveira e direcção artística de José Pacheco. Apresenta-se, «ainda que incompleta e imperfeita», como «a incarnação de uma aspiração de Arte e de Elegância [...] enghada e realizada por um punhado de artistas moços» e «endereça-se a todas as curiosidades cultas, cuja sede adivinha». Pretende esta nova revista colmar «a falta de uma grande Ilustração, que a nós próprios e aos Estrangeiros revele o que dentro de

Portugal existe de belo, como criação de espírito, obra d'arte ou encanto da natureza». Este primeiro ensaio da *Contemporânea* caracteriza-se pelo seu apuro gráfico, ainda próximo de uma estética fim de século mas já com laivos modernistas — graças à colaboração plástica de Almada Negreiros (autor da capa), Jorge Barradas, Eduardo Viana, Carlos Franco e José Pacheco — e pelo seu eclectismo, com páginas dedicadas à arte, à literatura, ao teatro, ao desporto, à moda, à sociedade, etc. A nova revista, que neste número publica textos de António Sardinha, Agostinho de Campos, Maria Amália Vaz de Carvalho, António Correia de Oliveira ou Teixeira de Queiroz, propõe, como próximos colaboradores, nomes como os de Antero de Figueiredo, Conde de Sabugosa, Eugénio de Castro, Guerra Junqueiro, Júlio Brandão, Júlio Dantas, Ramalho Ortigão, Raul Brandão e Teixeira de Pascoaes. Nascida na época de *Orpheu*, cujo primeiro número sai em Março de 1915, esta *Contemporânea* pouco ou nada tem a ver com a revista fundadora do modernismo (a não ser, por intermédio de Almada e José Pacheco, ambos representados em *Orpheu* 1).

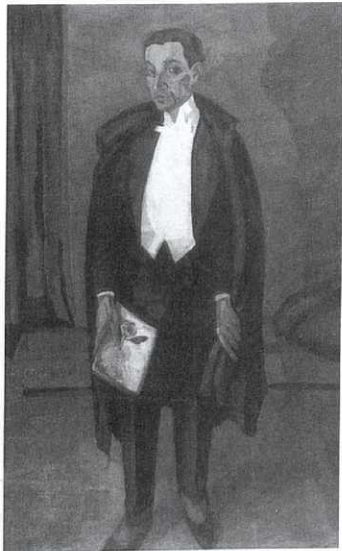
A *Contemporânea*, de que saíra apenas o número espécimen, reaparece em Maio de 1922, com o subtítulo de *Grande Revista Mensal*, sob a direcção de José Pacheco e, até ao número 6, sob a responsabilidade editorial de Agostinho Fernandes. Publica-se sem sobressaltos até ao nono número, de Março de 1923, sempre sob a tutela de Pacheco e, a partir do sexto número, editada pela «Sociedade de Edições *Contemporânea*». Em 1924 aparece, isolado, o número 10 (editado e dirigido por Pacheco e apresentando Ruy Vaz e António Ferro como directores artístico e literário), e em Março de 1925, em formato de jornal, vem a lume o 1.º *Suplemento*. Nos meses de Maio, Junho e Julho-Outubro de 1926 publicam-se os três últimos números da revista (tendo sido projectado outro, de que nos ficaram as provas tipográficas), dirigidos por Pacheco e editados por Gil Vaz, de formato diferente, menos cuidados do ponto de vista gráfico, e apresentando os subtítulos de *Portugal, Ibero-Americanismo, Arte* (n.º 11) e *Portugal, Brasil, Ibero-Americanismo, Arte* (n.ºs 12-13). Os números 3, 4 e 5 (de Julho, Outubro e Novembro de 1922), e os números 11 e 12 (de Maio e Junho de 1926), são

acompanhados de um suplemento, intitulado «*Contemporânea* Jornal», onde figura, como subtítulo, resumo do programa da revista, a célebre *intenção* — «Revista feita expressamente para gente civilizada / revista feita expressamente para civilizar gente» — frase que, segundo António Braz de Oliveira, poderá ser atribuída a Pessoa.

A «nova» *Contemporânea*, elo de ligação entre o Primeiro e o Segundo Modernismos (entre *Orpheu* e a *presença*), retoma, de certa forma, assumindo porém agora um grafismo inovador e excepcionalmente moderno, o eclectismo do seu número espécimen: quer pela diversidade dos temas abordados nas suas páginas (arte, literatura, teatro, música, desporto, política, técnica) e dos múltiplos eventos que organiza no âmbito da intervenção cultural (banquetes, exposições, concertos, conferências, serões de arte, e a criação de uma «Universidade Nova»); quer pela colaboração artística e literária de autores de variadas tendências, modernistas e outras. A revista dirigida por José Pacheco promove, assim, a realização do II Salão de Outono; as exposições de Carlos Porfírio, de Eduardo Viana e do pintor espanhol Daniel Vázquez Díaz; conferências de António Ferro e de António Botto (respectivamente, *A Arte de bem Morrer* e *Os Nossos Poetas de Hoje*); mas também, as exposições de Telles Machado e de Eduardo Malta; uma conferência sobre *A Música na Itália nos Séculos XV a XVI* ou outra ainda, de Gaspar de Carvalho, sobre *A Arte Moderna...* Com colaboração gráfica (ilustrações, vinhetas e capas) de Almada Negreiros, Stuart Carvalhais, António Soares e José Pacheco, a *Contemporânea* reproduz, em *hors-texte*, obras de Almada, Amadeo de Souza-Cardoso, Eduardo Viana, António Soares, Jorge Barradas, Mily Possoz, Albert Jourdain, Manuel Jardim, Dórdio Gomes, Bernardo Marques, Diogo de Macedo, Ernesto do Canto ou Francisco Franco, mas também, de António Carneiro, Columbano, João Vaz, Simão da Veiga ou de El-Rei D. Carlos. Quanto aos seus colaboradores literários, aparecem, junto aos nomes de Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, Almada Negreiros, Mário de Sá-Carneiro, António Botto, Raul Leal, Judith Teixeira, António Ferro, Luis de Montalvor, ou António Patrício, os de Afonso Lopes Vieira, Eugénio de Castro, António Sardinha, João Ameal, Martinho Nobre de Mello, Homem Cristo Filho.

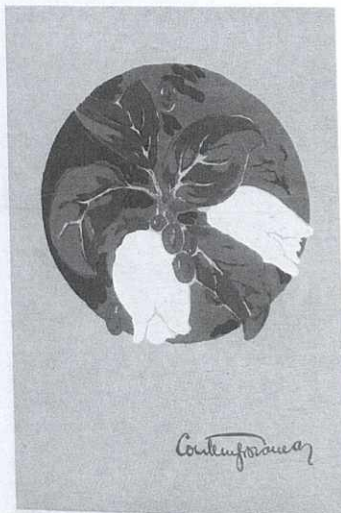
Aquilino Ribeiro ou André Brun. A falta de coerência e de vocação grupal que a revista de Pacheco denota é claramente apontada. Por um lado, pela *Revista Portuguesa* que, fundada em 1923 por Victor Falcão, paralelamente se publica: «A *Contemporânea* é o mais belo esforço que em Portugal se tem feito para fundar um esplêndido e moderno magazine; Lá fora não há melhor [...] nenhuma revista estrangeira [...] é tão primorosa sob o ponto de vista gráfico. [...] Simplesmente — e é nisto que está a nossa discordância — predomina em a *Contemporânea* um tal ou qual eclectismo que a prejudica várias vezes» (14-7-1923). E por outro lado, por dois dos seus principais colaboradores: Almada Negreiros e Fernando Pessoa. Num texto intitulado *Os Pioneiros* (Outubro de 1934), Almada dirá que, depois de *Orpheu* e de *Portugal Futurista*, e no âmbito das publicações modernistas, surge «ainda a *Contemporânea*», mas que esta, «já defendida materialmente», «teria na verdade maior duração do que teve se não tivesse sido desvirtuado o sentido do grupo [de *Orpheu*] nas suas próprias páginas! Generosas intenções? Imprevidentes fraquezas» (AN V 57). Fernando Pessoa, em carta dirigida a Armando Côrtes-Rodrigues (4-8-1923), afirmaria: «Tanta saudade — cada vez mais tanta! — daqueles tempos antigos do *Orpheu*, do paulismo, das intersecções e de tudo mais que passou! Você não imagina, apesar da enorme influência que ficou do *Orpheu* [...] diminuído, moral e intelectualmente [...] tudo. / Você tem visto a *Contemporânea*. É, de certo modo, a sucessora do *Orpheu*. Mas que diferença! que diferença! Uma ou outra coisa relembra esse passado; o resto, o conjunto...» (CE 238). Já num texto assinado por Álvaro de Campos, e publicado na própria *Contemporânea* em Outubro de 1922, o poeta, escrevendo a José Pacheco «para o felicitar», tinha vagamente aflorado a questão: «De si e de sua revista, tenho saudades do nosso *Orpheu*. V. continua sub-repticiamente, e ainda bem. Estamos, afinal, todos no mesmo lugar. Parece que variamos só com a oscilação de quem se equilibra. Repito-lhe que o felicito. Julgava difícil fazer tanto bem aos olhos em Portugal com uma coisa impressa. Julgo bom que julgasse mal. Auguro à *Contemporânea* o futuro que lhe desejo» (C 186).

Embora os pressupostos estéticos e intelectuais que animam a *Contemporânea* nos apare-



Mário Eloy, *Retrato de José Pacheco*, 1925

çam difusos, a revista de José Pacheco reveste-se, sem dúvida, de uma importância fundamental no quadro da cultura portuguesa dos anos 20: divulgadora que foi de algumas das principais figuras do nosso primeiro modernismo, mas também, da arte e da literatura internacionais, e em particular, do Brasil e de Espanha, tendo grandemente contribuído para a promoção das ideias iberistas entre nós. A revista — que, como vimos, adoptaria a partir da sua terceira série o subtítulo de «Portugal, Ibero-Americanismo, Arte» (ou «Portugal, Brasil, Ibero-Americanismo, Arte») — apresenta uma vasta colaboração de autores ligados à modernidade espanhola: Corpus Barga, Rogelio Buendía, Ramón Gómez de la Serna, José Francés, Adriano del Valle; a colaboração de dois representantes da vanguarda plástica do país vizinho, do pintor Daniel Vázquez Díaz e da escultora Eva Aggerholm; e evoca ainda, mediante um retrato desenhado por Almada, a figura do pianista espanhol Tomás Terán. Do Brasil,



José Pacheco, capa para a *Contemporânea 3*

A *Contemporânea* oferece-nos colaboração plástica de Tarsila do Amaral, cuja obra é revista num artigo de António Ferro, e de Paim; publica uma «Carta Aberta de Oswald de Andrade a António Ferro Sobre a Arte e a Literatura Novas no Brasil» e, do mesmo poeta, *O Barracão dos Romeiros*; e uma nota da passagem por Lisboa de Olívia Pentead, mecenas dos pintores modernistas brasileiros. No âmbito artístico internacional, lembremos ainda a colaboração de F. T. Marinetti, com «*Le Contrat par Marinetti-Futuriste*», o artigo de Veiga Simões sobre a pintora russa Xenia Bogouslavskaja (mulher de Ivan Puni), e o texto de Ema Santos Fonseca sobre «Erik Satie e os Seis».

De Fernando Pessoa, a *Contemporânea* publica: *O Banqueiro Anarquista* (1); «António Botto e o Ideal Estético em Portugal» (3); *Mar Português* (4); *Natal* (6); *Trois Chansons Mortes* (7); «Carta ao autor de *Sáchá*» (8); *Spell* (9); *O Menino da Sua Mãe* (11); *Rubaiyat* (13); apresentando, no número que nunca chegou a sair, *D. Sebastião*. Álvaro de Campos aparece represen-

tado nas páginas da revista com: «De Newcastle-on-Tyne Álvaro de Campos Escreve à *Contemporânea*» (4); *Soneto já Antigo* (6); *Lisbon Revisited* (1923) (8); *Lisbon Revisited* (1926) (12); e, no número previsto e não publicado, com o poema *Quasi*.

BIBL.: *Contemporânea* (edição fac-similada), Lisboa, Contexto, 1984-1992; FRANÇA, José-Augusto, «Nota sobre a *Contemporânea*», in *Sema*, n.º 3, Outono de 1979; OLIVEIRA, António Braz de, PIRES, Daniel, Pacheco, Almada e a *Contemporânea*, Lisboa, Centro Nacional de Cultura/Bertrand, 1993.

Sara Afonso Ferreira

CONTOS. Pessoa escreveu ficção em prosa, sob a forma de contos e novelas e até iniciou um romance, para o projecto editorial da Empresa Íbis, que teria o título *Reacção*. Quase todas estas narrativas ficaram por completar, fragmentadas e dispersas, escapando a essa situação os textos mais pequenos, como as histórias humorísticas e as fábulas. Os esquemas e projectos do Espólio revelam um grande número de listas com títulos de contos. De alguns desses contos só se conhece uma ideia anotada ou pequenos resumos de enredos. Outros encontram-se em diferentes estádios de desenvolvimento. A datação destas narrativas é problemática, pois o mesmo título pode surgir em vários momentos do tempo, correspondendo, em geral, a ficção em língua inglesa a uma primeira fase. As narrativas encontram-se atribuídas a personalidades literárias e ao ortónimo. Verifica-se, no entanto, que essa atribuição muda com frequência e que os contos vão transitando de personalidade para personalidade, de um projecto para outro e da língua inglesa para a portuguesa. Um grande conjunto de narrativas policiais, com o título *Quaresma, Decifrador* é a dado momento atribuído a Pêro Botelho, mas continua a ser escrito e reformulado até à morte de Pessoa, com atribuição ao ortónimo. Em vida, foram publicados dois pequenos textos ficcionais. «Crónica Decorativa», no n.º 12 da revista *O Raio*, em 19-9-1914, seria provavelmente o primeiro texto de uma série com esse nome, de que só a primeira crónica chegou a ser publicada. Trata do confronto, na imaginação do seu autor, entre o Japão real e a ideia do Japão formada a partir das representações, a duas dimensões, nas chavenas, nos bules